

Os «rostos» da Europa no *Diário* de Miguel Torga: da falibilidade da história ao declínio do presente

DORA NUNES GAGO*

PALAVRAS-CHAVE: Miguel Torga, Europa, Alemanha, Grécia, Comunidade Económica Europeia, História.

KEYWORDS: Miguel Torga, Europe, Germany, Greece, European Economic Community, History.

Introdução

Para além de viajante incansável, Miguel Torga foi um cidadão profundamente preocupado com a sua pátria, a identidade nacional, mas também com as suas linhas definidoras, inscritas no mundo e sobretudo nas fronteiras da Europa.

No *Diário* (obra iniciada em 1932 e concluída em 1993, contemplando dezasseis volumes), que constituirá o nosso corpus de trabalho, numa entrada localizada em Coimbra, datada de 3 de janeiro de 1951, o autor revela-nos a sua necessidade de partir e de ultrapassar as fronteiras da Europa, para se confrontar com outras culturas, procurar um local puro, impoluto e desprovido de degradação humana:

Europeu, o meu espírito só sabe medir pelo seu estalão. [...] Mas como não quero confinar-me neste continente perdido, [...] preciso de abandonar isto, ou para verificar o meu alento, ou para desiludir de vez a minha esperança. O tempo de procurar esse oásis será pelo menos um tempo de aventura. (Torga, 1999: 569).

* Universidade de Macau (China). Colaboradora do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLC), do Centre for English Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS) e do Instituto de Modernistas (IEMO), ambos da Universidade Nova de Lisboa.

Com frequência, notamos que após as digressões pela Europa, o regresso a Portugal traz o pessimismo ao diarista. Embora reafirme o seu amor pelo país de origem, mostra-nos que esse sentimento não é suficiente para que se sinta nesse espaço realizado como homem e artista. Dos seus comentários ressuma frequentemente uma distância entre Portugal e o estrangeiro. O abismo que separa a realidade nacional da Europa transparece através das seguintes palavras, escritas em abril de 1951, após o regresso de uma passagem por Espanha: «Senti-me logo desterrado da Europa, peado, burro, a escrever versos inúteis na areia numa praia remota.» (Torga, 1999: 612). Torga revela desta maneira o sentimento de inutilidade e de precariedade da sua arte. A poesia, para além de inútil, é «escrita na areia», ou seja, não permanece, é efémera, devido às condições que se vivem no país em que é gerada, à falta de liberdade conducente ao desenvolvimento cultural.

Do *Diário* emerge, portanto, uma ânsia de universalismo, aliada à lucidez, à abertura e à curiosidade face ao «outro», como modo de alargar os horizontes e a capacidade de entender o seu próprio país, partindo do conhecimento do estrangeiro. Além disso, «viajar» parece constituir para o narrador um ato vital, permitindo-lhe encontrar a liberdade e a largueza de horizontes que não encontra na sua pátria.

Analisaremos, então, sobretudo a partir dos registos das viagens de Torga no *Diário*, os diversos «rostos da Europa» por ele configurados. Primeiramente, tomaremos como pontos de referência dois dos países europeus visitados e, atualmente, em situações muito díspares no seio da Europa: a Grécia e a Alemanha. De seguida, focaremos o modo como o escritor abordou a entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia e a ideia de falibilidade da História.

O fascínio pela Grécia: «meninge» da Europa

A viagem que contempla a Grécia, realizada a bordo de um transatlântico, ocorre entre 31 de agosto e 15 de setembro de 1953, permitindo ao diarista visitar Maiorca, Nápoles, Paestum, Roma, Capri, Atenas, Constantinopla e Argel.

Como é sabido, Torga atribui muita importância à cultura grega, tendo sido leitor atento e devoto da *Iliada* e da *Odisseia*, como podemos corroborar pela seguinte passagem: «Depois da *Iliada*, a *Odisseia*. De vez em quando é preciso retemperar a coragem nestes avós da poesia.» (Torga, 1999: 155). Além disso,

muitos anos depois, afirma, reiterando a dimensão universal e intemporal da obra clássica: «Cada nova leitura inaugura a *Iliada*» (1999: 1654). Deste modo, estas duas obras afirmam-se constantemente como referência fundamental para o autor.

Neste contexto, é ainda pertinente salientar que a Grécia se encontra presente no *Diário*, antes de ser visitada, sendo evocada nos poemas «Canção Helénica» (onde é conotada com a beleza) e «Elegia Siciliana», do *Diário V*, onde o sujeito poético afirma:

Grego não, que não sou, mas que saudades
Duma Grécia de artistas e de crentes
Em paisagens e formas permanentes
Onde se apaga a marca das idades (Torga, 1999: 547-548).

Além disso, os mitos gregos (Anteu, Sísifo, Orfeu, Prometeu, entre outros) surgem com frequência na obra torguiana.¹ Não nos cabe contudo desenvolver aqui esta questão, mas antes abordar, sumariamente, o modo como o viajante viu e sentiu a Grécia.

Constatamos, em primeiro lugar, que, antes da partida, a primeira «viagem» é feita através dos livros, sendo a biblioteca a primeira mediadora, pois, como declara o narrador: «Antes de ir ver a Grécia ao natural, ando a estudá-la. Calhamaços e calhamaços de exegese à volta duma coluna dórica.» (1999: 707). Em seguida, ao chegar a este país, o viajante evidencia tal deslumbramento que se sente quase indigno da realidade presenciada, devido a todo o seu peso cultural e civilizacional. Neste contexto, «humaniza», de certo modo, os deuses ao conferir-lhes a mortalidade, colocando-os num plano inferior ao dos homens, ao considerar que a «potência» da terra é superior à onipotência do céu. Emergem, então, as oposições terra/céu e humano/divino. O narrador constata assim a degradação dos ídolos do passado, o fim das crenças, o triunfo da razão. Apesar disso, continua a ver a Grécia como «a meninge» da Europa, pois nela ainda permanece o testemunho da sua singularidade e superioridade cultural:

Há qualquer coisa de patético e singular naquelas pedras mutiladas entre as quais o coração de cada visitante começa por bater inquieto e acaba por se sentir apaziguado. Banhadas numa luz irreal, que as protege da escuridão da morte, em vez de ruínas parecem troféus. (Torga, 1999: 714).

¹ Sobre esta questão, veja-se Pereira, 1978.

Enquanto na Grécia o narrador se sentiu excluído, sem se conseguir integrar naquela realidade mitificada, vista como superior, em Constantinopla, por exemplo, sente-se perfeitamente em casa, visto que até o Bósforo parece «o estuário católico do Tejo» (1999: 716). Posteriormente, a bordo, rumo a Argel, evoca o mito de Ulisses e, comparando-se a este herói, nega-se a «tapar os ouvidos com cera ou a deixar cair as pálpebras de sono» (1999: 1717).

Torga revela igualmente o seu espírito universal e a consciência do enriquecimento espiritual proporcionado por esta viagem, onde encontrou a riqueza humana imaginativa e sagrada, quando declara:

Gostei sempre de atravessar fronteiras, e a maior parte das que transpus pareceram-me artificiais. [...] E é nessa humildade de filho de uma Europa espremida, incapaz duma gota de autêntico ideal, do mais pequeno voo de imaginação, que não arredo pé do tombadilho, a tentar da maneira que posso mostrar-me grato e fiel à revelação que tive no flanco do grande corpo asiático, materno ventre do sol e dos deuses. (Torga, 1999: 771).

No final desta viagem, num registo datado de 15 de setembro de 1953, o sujeito de enunciação efetua um balanço, tentando assimilar e arquivar as novas sensações e conhecimentos adquiridos. Conclui que as divisões entre países, continentes e povos advêm dos interesses sociais, políticos e económicos, uma vez que «o globo é uma consciência redonda» (1999: 721). A Grécia é concebida como uma pátria superior, sonhada há muito, onde o narrador pôde contactar *in praesentia* com a fusão entre o pagão e o divino e, sobretudo, com a beleza e a verdade, há muito almejadas e incorporadas através desta viagem no seu espírito. No final da descrição da sua chegada à Acrópole, é significativa a comparação usada para sintetizar este encontro com a cultura grega, metaforizada através da imagem de uma nascente. Além disso, o entusiasmo sentido permite-lhe atribuir vida às pedras:

As pedras palpitavam! Então, como um bicho acossado por longa estiagem que chegasse alucinado à nascente, debrucei-me e bebi. E nada, ninguém, nem o tempo, nem a força, poderão despojar-me agora desse instante, que foi o encontro da beleza, da verdade e da paz. Levo a fonte comigo! (Torga, 1999: 721).

Em suma, a imagem traçada da Grécia, delineada sob a égide do deslumbramento, enraíza-se na aura de espírito clássico que emerge, por vezes, da obra torquiana, habitada pelos diversos mitos gregos, que se traduzem «pelo

culto à exuberância da vida, pelo culto aos sentidos, ao Belo, como medida da Verdade e do Bem» (Filho, 1987: 16).

A Alemanha: sob o signo de Hölderlin e das artes

No *Diário XI*, encontramos o registo de uma nova digressão de automóvel pela Europa, iniciada a 22 de agosto de 1970, que inclui Espanha, França, Alemanha e Itália, com o seguinte percurso: Salamanca, Vitória, Avinhão, Lião, Tubinga, Colónia, Berlim, Nuremberga, Munique, Oberammergau, Cortina de Ampezzo, Ravena, Florença, Pisa, Perpilhão, Figueras (Catalunha) e Sória.

Neste contexto, interessa-nos particularmente o olhar do narrador sobre a Alemanha. O primeiro registo localizado neste país tem como referência espacial Tubinga, a terra onde faleceu o poeta Hölderlin. É precisamente em torno deste poeta alemão que se constrói a passagem, numa nítida intenção de o homenagear, quando decorre o ano do segundo centenário do seu nascimento. Torga evidencia uma profunda admiração e identificação com esse «Orfeu de carne e osso», reforçando a ideia do poeta como ser superior, encarregado da missão de iluminar e transformar o mundo. Por conseguinte, o protagonista refere-se a Hölderlin como: «Último poeta sinceramente convencido de que a palavra inspirada podia salvar a humanidade, não restava aos deuses, temerosos do milagre, outro caminho senão emudecê-lo. [...] A voz embargada tornou-se ainda mais pura e actuante no silêncio.» (1999: 1189). Torga celebra assim neste autor alemão, «o poeta do Estado livre», um visionário que intervém na sociedade, que se realiza através da relação com os outros. Posteriormente, a admiração por este poeta é reiterada no *Diário XVI* para enfatizar o valor único da poesia: «Hölderlin diz que o que fica os poetas o fundam.» (1999: 1716).

Seguidamente, num registo localizado em Colónia, deparamo-nos com uma identificação entre esta realidade e o país de origem, visto que o Reno é apelidado, num poema, de «Doiro feliz da Europa» (1999: 1189). Através da metáfora, verificamos uma apropriação deste elemento da paisagem estrangeira, à qual acresce o adjetivo «feliz» e uma dimensão de grandiosidade, conferida pelo complemento determinativo «da Europa». Por outro lado, de Berlim, o viajante colhe sobretudo a imagem da «barreira de ódio» representada pelo Muro e pela burocracia que essa situação acarreta. Por seu turno, Nuremberga não corresponde à expectativa do narrador, pois esperava encontrar uma cidade que refletisse todos os horrores nela vividos e, em lugar disso, depara-se com

a imagem «da longa e lenta caminhada do espírito para a eternidade, sugerida no túmulo de S. Sebaldo, assente no dorso de meia dúzia de caracóis.» (1999: 1191). Verificamos, assim, o contraste entre as marcas esperadas da violência e crueldade que marcaram este espaço, durante a Segunda Guerra Mundial, e o predomínio da imagem do túmulo e dos caracóis, que remetem para uma ideia de estagnação, monotonia.

Neste campo, a imagem da Alemanha é ainda configurada num discurso pronunciado em 1990, no Instituto Alemão, no qual o autor revela a importância da tradução que possibilitou a receção dos escritores alemães em Portugal. Simultaneamente, é também a tradução que faz com que a sua mensagem de poeta chegue mais longe, a todos aqueles que não dominam a língua portuguesa. Por isso refere:

Traduzir, é primordialmente, um acto de amor. [...] O medianeiro que por mim tem falado com mais demora ao público germânico [...] mal calcula como lhe estou reconhecido e em que grelha de inquietação me sinto por saber os meus textos acessíveis a leitores familiares do génio portentoso de Lutero, Goethe, Hölderlin, Rilke, Kafka ou Thomas Mann, que tanto admiro, e são marcos gigantescos erguidos no planalto cultural do planeta. (Torga, 1999: 1693-1694).

Nesta sequência, Torga reconhece-se devedor da tradução literária. O texto traduzido assume-se, portanto, como um mediador cultural, um imprescindível meio do conhecimento do «Outro» e, paralelamente, uma forma de o «Eu» ser também entendido no estrangeiro, de a sua mensagem atingir a dimensão universal.

Por outro lado, importa igualmente referir a empatia que Torga sentiu por Günter Grass, com quem se encontrou pessoalmente: «Sem nos podermos compreender nas respectivas línguas maternas, conseguimos entender-nos não sei por que milagre de simpatia anímica. Embora nada o fizesse prever, sintonizámo-nos à primeira vista.» (1999: 1318). Além disso, Grass e Torga parecem irmanados pela atenção que ambos conferem, nas suas obras, às questões de índole sociopolítica nos respetivos países (cf. Torga, 1999: 1374).

Neste contexto, é pertinente mencionar o perfil de Torga traçado pelo escritor e investigador alemão Gerhard Köpf no jornal de Munique *Süddeutsche Zeitung*. Este texto, intitulado «inclinação extrema, uma tarde com Miguel Torga» encontra-se transcrito por Maria António Höster no artigo intitulado «Torga visto da Alemanha». Deste modo, Köpf sublinha as diferenças civilizacionais constatadas durante o seu encontro com Torga (*apud* Hörster,

1991: 161). Além disso, é também referido o interesse manifestado pelo escritor português em relação aos autores alemães Musil e Broch, nomeadamente por *Der Tod des Vergil* e *Der Bergroman* (cf. Torga, 1999: 163).

Em suma, Torga revela admiração pela cultura alemã, nomeadamente pelos escritores e filósofos anteriormente mencionados, mas também pelos músicos, pois encontramos, por diversas vezes, alusões a Beethoven e Bach.² No entanto, apesar do reconhecimento do valor e de uma certa «supremacia» cultural alemã, notamos que o autor não sente uma afinidade particular por este país. Evidencia, em contrapartida, algum distanciamento, tanto nos relatos de viagem, como nos comentários tecidos relativamente à Alemanha e aos elementos que integram a sua cultura.

O fim da jornada e a descrença numa Europa unida

Como se sabe, nos dois últimos volumes do *Diário*, correspondentes ao «fim da jornada», já não são as viagens que desencadeiam as principais reflexões sobre o estrangeiro, devido ao estado de saúde do autor que o impossibilita de viajar. A partir daí, o contacto direto com o estrangeiro é, de certo modo, substituído pelas informações acerca dos principais acontecimentos que vão construindo a história nacional e sobretudo mundial, difundidas através da comunicação social (principalmente da televisão). Outro elemento mediador do contacto com o estrangeiro são as esporádicas visitas de amigos ou conhecidos que vivem ou viajam por países distantes.³

Neste sentido, constatamos que a História se encontra quase sempre presente nas páginas do *Diário*. Aliás, segundo Maria Lúcia Lepecki, qualquer texto diarístico provoca no leitor um efeito de texto histórico, visto ter um teor documental, subsidiário da História, uma vez que «o documental sendo o visto, vivido e sentido pelo diarista é, também, em maior ou menor grau, património comum das experiências de um povo ou de uma colectividade nacional.» (Lepecki, 1988: 138). Por isso, direta ou indiretamente, o *Diário* de Torga proporciona-nos um retrato da época histórica em que foi produzido.

Embora as reflexões de carácter histórico sejam mais incidentes nos últimos volumes, será pertinente abordarmos, de forma muito esquemática, a evolução

² Cf. Torga, 1999: 101 e 618, respectivamente no *Diário* I e no *Diário* VI.

³ A propósito da visita de um amigo, Torga afirma: «Visita de um senhor Ventura dos meus sítios, que me trouxe novas do Oriente e latas de chá.» (1999: 1765).

do conceito de «História» para Torga e o modo como vai surgindo ao longo do tempo, embora não seja nossa pretensão enveredarmos por questões concernentes especificamente ao domínio da Filosofia da História.

O registo datado de 9 de novembro de 1989 consiste num comentário mais desenvolvido e subjetivo da queda do Muro de Berlim, considerado um dos acontecimentos históricos mais significativos desta época. Note-se que o autor viu *in loco* o referido Muro, aquando da sua viagem a Berlim, encontrando-se portanto, numa posição privilegiada para avaliar a «vergonha e humilhação» representadas por essa barreira física, política e psicológica. Por isso, o narrador revela o seu alívio perante a queda do Muro, pois: «Já se podem trocar as virtudes, os vícios e as ideias. E olhar livre e fraternalmente em todas as direcções.» (1999: 1668).

Paralelamente, o narrador revela grande atenção e entusiasmo face a todas as mudanças ocorridas no Leste da Europa e que ele assume não conseguir relatar com a dimensão merecida pelos factos, revelando uma sensação de incomunicabilidade, que contrapõe a escrita à vida. Neste caso, o ato da escrita não consegue representar de forma satisfatória os factos reais. Há um desfasamento entre a capacidade de expressão e o grau de exigência do autor, remetendo assim para uma certa «impureza» da expressão. Isto porque os acontecimentos mencionados constituem «[...] um sismo da História. Um abalo colectivo de ressurreição.» (1999: 1670).

A Reunificação alemã é outro facto referido de forma muito sintética por Miguel Torga. É vista como necessária, mas suscetível de arrastar consigo alguns perigos, visto que: «a Alemanha é na Europa o que Castela é na Espanha: nunca terá paz nem deixará haver paz enquanto não conseguir polarizar em si todos os horizontes que lhe caibam na retina.» (1999: 1684).

Em suma, deparamo-nos com um narrador identificado com a figura autoral, ansioso por percorrer os vários quadrantes do mundo, conhecer novas realidades e contactar com o «outro», de modo a medir as suas fronteiras, definir a sua identidade e a da pátria de origem. Consciente da importância dos valores e padrões culturais que transporta consigo, também está ciente da sua tensão interior entre o enraizamento e a errância. Tal como referiu Frederico de Moura: «Alheio ao superficial, os seus olhos trespassam a epiderme da paisagem geográfica, os revestimentos etnográficos, para ir à cata do sentido profundo das coisas e dos seres» (Moura, 1977: 34). Além disso, os «filtros» do seu olhar serão os valores primordiais que o norteiam: a autenticidade, a liberdade, o humanismo, a comunhão com as forças primitivas do mundo.

Por outro lado, o diarista revela alguma preocupação e desconfiança devido à entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia, receando que o nosso país «receba diariamente ordens alheias de cultura e cultivo, e seja obrigatoriamente transformado num eucaliptal» (1999: 1718). É ainda na sequência desta preocupação que o autor se opõe à regionalização que, segundo ele, provocaria uma desintegração da identidade nacional (cf. 1999: 1722-1731).

É novamente o receio da perda da identidade, da liberdade, da individualidade histórica e cultural que emerge, quando o autor ergue a sua voz contra o Tratado de Maastricht:

Tenho por certo que Maastricht há-se ser uma nódoa indelével na memória da Europa, envergonhada de, no curso da sua gloriosa história, ter trocado neste triste momento o calor do seu génio criador pela febre usurária e, nas próprias assembleias onde prega a boa-nova das regras comunitárias, fintar de mil maneiras os parceiros. (Torga, 1999: 1740).

Esta posição é ainda reiterada no discurso com que Torga agradece o prémio «Figura do Ano» (8-7-1992). O escritor considera Maastricht como uma irresponsabilidade da Europa e uma traição à nossa identidade (cf. 1999: 1745). No discurso de agradecimento pelo Prémio Montaigne (14-9-1992), Torga afirma perentoriamente: «Nenhum tratado de Maastricht, por mais que queiram, pode apagar da memória ocidental os vitrais de Chartres ou as páginas de Proust» (1999: 1752), salientando assim a supremacia da individualidade e grandiosidade cultural que jamais se subjugará a qualquer acordo político. Por último, quando o referido Tratado entra em vigor, o poeta enfatiza novamente a sua discordância, numa nota do *Diário* datada de 11 de novembro de 1993: «Entrada em vigor da União Europeia, eufemismo encontrado para nomear o negregado Tratado de Maastricht.» (1999: 1778). Por outras palavras, o autor desvaloriza, de forma acutilante e demasiado sucinta, a União Europeia a ponto de a considerar como um «eufemismo», ou seja uma metáfora suavizada do Tratado de Maastricht.

A Europa é representada por Torga como um elemento cilindrador da nossa cultura e identidade. O escritor manifesta receio da alienação económica e cultural por parte da Europa, movida pelos interesses económicos niveladores. Do *Diário* sobreleva a oposição entre um Portugal vulnerável e subserviente, por um lado, e a Europa poderosa e dominadora, por outro.

Torga refere ainda que as duas únicas nações europeias em que vale a pena depositar alguma esperança são a Rússia e a Espanha, pois «ambas conservam

intactas as grandes reservas de energia espiritual em que ainda podemos confiar.» (1999: 1759). Assim, é pois na espiritualidade destes dois países que o narrador parece depositar alguma esperança, face a um mundo onde os interesses económicos se sobrepõem aos valores, que cada vez mais são esquecidos e desprezados. Para Torga, os ideais e o sentido de humanidade parecem ter ficado sepultados no tempo, pela História: «Envelheci ruinosamente. Deu-se a viragem da História. Todos os valores em que acreditava, e ainda acredito, foram postos em causa. A Pátria, a honradez, a amizade. A corrupção é agora o privilégio dos governantes e o escárnio dos governados» (1999: 1760). O diarista enfatiza, por conseguinte, a efemeridade dos ideais absolutos pelos quais sempre tinha lutado. Na sua perspectiva, a História fracassou, não tendo evoluído para o aperfeiçoamento e autoconhecimento da Humanidade, como preconizava Hegel, mas antes para a degradação, a intolerância e o trágico fim de «uma civilização falida» (1999: 1760). A única esperança revelada pelo narrador é que, num novo recomeço, a humanidade não caia na uniformização, respeitando antes a singularidade, as particularidades de cada ser humano (cf. 1999: 1760). Isto porque, para Torga, a essência da sociedade encontra-se no indivíduo e cada ser é único, dotado de particularidades genuínas que o distinguem de todos os outros (cf. 1999: 1760). Nesta medida, a identidade reside na diferença, o encanto do mundo encontra-se nas assimetrias e na diversidade. É precisamente essa perspicácia face ao elemento humano, o respeito e o interesse pelas particularidades do «outro» que se assume como elemento configurador das imagens do estrangeiro delineadas durante a longa jornada documentada no *Diário*.

Perante a ameaça cada vez mais eminente da morte, o tempo dessacralizado no *Diário* é representado com a duração precária, evanescente, conduzindo inexoravelmente ao fim. No último volume do *Diário*, à sede de liberdade e de independência sentida na Europa de Leste, parece contrapor-se um certo obscurecimento da pátria, cuja história, identidade e cultura perigam face à subserviência e dependência da Europa económica comunitária. De certo modo, domina a ideia da falibilidade da História de Portugal, que vai declinando como pátria, desde o fim do império até ao anunciado fim de uma identidade. Encontramos, nesta medida, uma sintonia entre a morte, a decadência da pátria e a do autor, pois por todo o país ecoa: «um dobre a finados de uma pátria sem esperança, que o poder não ouve, ou finge não ouvir, [...] num desprezo olímpico pelo povo que em má hora o elegeu.» (1999: 1778). Aliás, este declínio comum ao autor e à pátria é já antecipado, em parte, quando, numa passagem datada de 15-5-1977, Torga afirmava: «À medida que o tempo passa, mais

agónicas são as horas. A saúde piora, a pátria desintegra-se, a solidão aumenta.» (1999: 1336). Nesta sequência, para além da confrangedora realidade nacional, também pelo mundo inteiro, os desígnios da fraternidade e da tolerância vão sendo progressivamente aniquilados.

Dos comentários aos eventos que vão marcando a História Mundial transparece uma elevada conceção do homem, que está muito para além das suas contingências históricas e uma visão do mundo alicerçada num nítido humanismo. Por conseguinte, o Diário espelha a preocupação social do autor com os acontecimentos que oprimem a pátria e o mundo, sobretudo a Europa, afetando o «eu» e também o «outro». Neste sentido, perante o fracasso civilizacional e a inexorável ameaça da morte, o ato «ontológico» da escrita surge como único lenitivo, como ação libertadora das teias da corrupção e da morte, elemento unificador de um «eu» fragmentado através de uma constante exposição à ação da temporalidade.

Considerações finais

Em síntese, revisitando alguns dos «rostos» da Europa delineados no *Diário*, constatamos que Torga revela uma profunda admiração pela Grécia, numa atitude de verdadeira «filia», de valorização positiva – atendendo à conceção estabelecida por D.-H. Pageaux no que concerne às atitudes perante o «outro» (cf. Pageaux, 1994: 72). Ela desenha-se como a «pátria» da sabedoria, da filosofia e, no fundo, da poesia, há muito sonhada, através da leitura das epopeias. Por seu turno, a Alemanha, com a qual o autor manifesta menos empatia, é igualmente enaltecida, sobretudo devido à elevada qualidade da sua cultura literária e musical.

Do conjunto desta «jornada diarística» emerge sobretudo a preocupação e o ceticismo do autor perante a então Comunidade Económica Europeia, motivados pelo receio de que países mais fragilizados e denominados de «periféricos», como é o caso de Portugal, possam ser «cilindrados», na sua autonomia, liberdade e autenticidade, por uma espécie de «ditadura» uniformizadora e homogeneizadora. A esta apreensão torguiana, que, no presente, quase duas décadas depois, talvez possamos considerar um pouco visionária e fundamentada, podemos contrapor as palavras de Eduardo Lourenço:

É quixotesicamente que devemos viver a Europa e desejar que a Europa viva.
Com a mesma ironia calma com que Caeiro se vangloriava de oferecer o Universo

ao Universo, nós [...] bem podemos trazer a nossa Europa à Europa. E dessa maneira reconciliarmo-nos, enfim, connosco próprios. (1990: 37).

Em suma, entre os olhares céticos e pessimistas de Torga, crente no fracasso da História, e o mais «quixotesco» de Eduardo Lourenço, quantos moinhos de vento serão ainda necessários derrubar para a construção de uma Europa efetivamente unida, fraterna e respeitadora da liberdade individual de cada país?

Bibliografia

- ELIADE, Mircea (1996), *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-Religioso*, São Paulo, Ed. Martins Fontes.
- FILHO, Linhares (1987), «O Poético como humanização em Miguel Torga», *Colóquio/Letras*, n.º 98, Julho-Agosto, p. 13-18.
- HÖRSTER, Maria António (1991), «Torga visto da Alemanha», in *Colóquio/Letras*, n.º 120, Abril-Junho, p. 161-165.
- LEPECKI, Maria Lúcia (1988), «*Diário XIII*, o homem, o tempo e a terra», *Sobreimpressões*, Lisboa, Caminho, p. 137-144.
- LOURENÇO, Eduardo (1990), *Nós e a Europa ou as Duas razões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MOURA, Frederico de (1977), *Vestígios de Miguel Torga*, Barcelos, Ed. David Pereira.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1994), *La Littérature Générale et Comparée*, Paris, Armand Colin.
- PEREIRA, Maria Helena Rocha (1978), «Os mitos clássicos em Miguel Torga», *Colóquio/Letras*, n.º 43, maio, p. 20-31.
- TORGA, Miguel (1999), *Diário*, vols. I a VIII, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2.ª edição integral.
- (1999a), *Diário*, vols. IX a XVI, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2.ª edição integral.

RESUMO: Miguel Torga, para além de viajante incansável, foi um cidadão profundamente preocupado com a sua pátria, com as linhas definidoras da identidade nacional, inscritas no mundo e sobretudo nas fronteiras da Europa. Analisaremos, no presente artigo, nos registos das viagens de Torga, presentes no *Diário*, os diversos «rostos da Europa» por ele configurados. Primeiramente, tomaremos como pontos de referência dois dos países

européus visitados, e atualmente em situações muito díspares no seio da Comunidade Europeia: a Grécia e a Alemanha. De seguida, focaremos o modo como o escritor abordou a entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia e a ideia da falibilidade da História.

ABSTRACT: Aside from being a tireless traveller, Miguel Torga was a citizen who was deeply concerned about his homeland, and about the defining lines of national identity as they were inscribed in the world and, above all, within the borders of Europe. Throughout this essay, we will analyse the different “faces” of Europe, as portrayed by the author in the travel accounts which are registered in his *Diário*. Firstly, we will take as reference two European countries that he visited and which currently have very distinct positions within the European Community: Greece and Germany. Afterwards, we will focus on the writer’s description of how Portugal joined the European Economic Community and, subsequently, we will approach the idea of the fallibility of History in the abovementioned work.